Os imigrantes japoneses no discurso dos periódicos catarinenses – Modernização, evolução

Rafael Seiz Paim*
rafaelpaimj@hotmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Este artigo visa analisar as representações dos imigrantes japoneses nos periódicos de Santa Catarina na época do evento, mais precisamente entre 1964 e 1979, e principalmente no jornal *O Estado*. Este estudo discutirá as mudanças no discurso jornalístico sobre os *nikkeis*, bem como suas permanências, analisando as expectativas e a forma epopeica de apresentar o *nikkei* como salvador do setor agrário catarinense, e de como os periódicos se utilizavam deste discurso para exaltar os políticos de Santa Catarina.
PALAVRAS CHAVE: Imigração Japonesa, Periódicos, Agricultura.

ABSTRACT: This article analyzes the representations of the Japanese immigrants in the newspapers of the Santa Catarina state at the time, more precisely between 1964 and 1979, and especially in the newspaper *O Estado*. This article intends to discuss the changes in the journalistic speech on the *nikkei*, as well as their permanence, analyzing the expectations and the epic way of presenting the *nikkei* as savior of the agrarian sector of Santa Catarina, and how newspapers used this speech to praise politicians from Santa Catarina.
KEY WORDS: Japanese Immigration, Newspapers, Agriculture

Japanese immigrants in the discourse of catarinenses journals – Modernization, evolution

Introdução

A imigração japonesa para Santa Catarina se dá de uma forma um tanto diferenciada do que a maioria das pessoas tem como conceito de imigração. Os governos de Santa Catarina e do

*Graduando no curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Membro do Núcleo de Estudos Japoneses – NEJAP- UFSC.

Império do Japão subsidiam a imigração de uma forma dificilmente encontrada em outros casos. Esses subsídios estatais foram um importante aliado para o bom desenvolvimento das culturas produzidas pelos imigrantes.

Brasil e Japão passavam por um momento conturbado de suas histórias no período analisado, entre as décadas de 1960 e 1970. O primeiro começava a mergulhar no período de ditadura militar, onde a economia tomaria rumos diferenciados para promover seu crescimento. Já o segundo, apesar de algumas melhorias econômicas, ainda sentia os reveses do período pós-guerra.

Mesmo com o país do Sol Nascente sendo um ex inimigo de Guerra, o governo do estado e a mídia catarinense demonstravam grandes expectativas quanto à vinda dos japoneses para cá. Sua chegada era mais bem-aceita do que, por exemplo, dos vizinhos gaúchos, o que é no mínimo ponto de destaque. Essa expectativa se devia, inclusive, pela própria capacidade que os japoneses estavam apresentando ao reparar a economia de sua própria pátria. Neste sentido, este artigo visa de forma simples e direta analisar o discurso usado para representar o imigrante *nikkei*.

As colônias agrárias: japoneses como exemplo, mas com dificuldades

A partir de 1963, notícias começam a circular anunciando a criação do primeiro núcleo de imigração japonesa, o Núcleo Colonial Governador Celso Ramos, localizado em Curitibanos. Os jornais apresentam a criação desta colônia agrária como uma solução para os problemas agrícolas do estado. A intenção era que nesse núcleo fosse dado prioridade à fruticultura, pois tais produtos teriam lugar no mercado interno e externo. O plano era trazer 50 famílias japonesas, sendo instaladas 10 famílias por vez. Os órgãos responsáveis pelo projeto eram o IRASC, Instituo de Reforma Agrária de Santa Catarina, e a Jamic, empresa japonesa de imigração (*Japan Imigration and Colonization*).

Podemos perceber a clara inclinação política do jornal *O Estado* já nas primeiras notícias sobre a colônia:

> A medida governamental é resultado de cuidadosos estudos elaborados pela equipe técnica do IRASC, visando ampliar as possibilidades agrárias de Santa Catarina, lançando mão de novos e valiosos recursos humanos que, ao lado do Agricultor barriga verde, saberá valorizar com seu trabalho as riquezas do solo catarinense".[1]

Claramente tendencioso, o periódico exalta, nessa e em muitas outras notícias, as qualidades dos governantes catarinenses, nessa época encabeçados pelo então governador Celso Ramos. Não há de ter sido à toa, também, o nome dado ao núcleo agrário de Curitibanos.

O programa de reforma agrária empreendido pelo IRASC, juntamente a ACARESC, setor estadual de extensão agrária, através do PLAMEG financiado pelo BDE, Banco de Desenvolvimento do Estado, montavam a estrutura do programa agrário de Santa Catarina. Percebe-se que esse setor recebe especial atenção do governador Celso Ramos:

> "Já está transformando em rotina a entrega de títulos de propriedade ou posse, pelo Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina, órgão criado pelo governo Celso Ramos objetivando a solução de um problema que é de âmbito nacional.
> Com os quase trezentos títulos entregues há pouco na região de Chapecó, ultrapassa 3 mil o número já entregue nas diferentes áreas do território catarinense [...].[2]

[1] *O Estado.* Florianópolis 4ª feira, 13 de novembro de 1963. nº14.809. p.01

[2] *O Estado*. Florianópolis domingo, 08 de março de 1964. nº14.883. p.08

Essa política agrária refletirá na situação minifundiária do estado, situação essa que até hoje caracteriza Santa Catarina. Já em julho de 1964, o IRASC havia concedido cerca de 2500 títulos de propriedades a lavradores, aproveitando-se apenas de terras devolutas.[3]

Com a instalação das primeiras famílias no Núcleo Celso Ramos, os periódicos passam a elogiar, também, os japoneses e o consulado nipônico. Nota-se o esforço de fazer com que todas as decisões do governo sejam vistas como acertadas. Portanto, engrandecer os *nikkeis* e sua forma de trabalho era legitimar a ação do governo estadual. O interesse em incentivar a imigração era, principalmente, do governo estadual:

> '*São numerosos os filhos do Japão que, transferindo-se para terras do nosso continente, chamados pelas imensas possibilidades de existência pacífica em solo brasileiro, vêm dando ao Brasil não apenas a cooperação de seu labor advertido e perseverante, mas também a sua cota de sangue com que se vão definindo os característicos técnicos do nosso homem, parta a hercúlea tarefa do aproveitamento de infinitos potenciais de que a natureza dotou o nosso País'*, afirmou o deputado Dib Cherem, no jantar oferecido ao cônsul geral do Japão, Kazutoshi Sato, no Palácio dos Despachos.[4]

O discurso usado é claramente adulador. Os agricultores japoneses eram selecionados e considerados "os melhores em técnica". Sua cultura agrícola deveria voltar-se para a pomicultura, mas com o tempo, as colônias passam a produzir culturas que também poderiam servir para o abastecimento de centros urbanos, caso específico do núcleo agrário de Itajaí, voltado para o abastecimento das cidades litorâneas. Mas nem só de exageros vive o jornalismo. Não fosse o real êxito das colônias, os periódicos teriam dificuldade em produzir suas notícias em favor do governo estadual.

A experiência mais notável foi a produção e plantio da nectarina, fruto até então pouco explorado no Brasil. A nectarina viria a se tornar produto de exportação e motivo de orgulho para

[3] *O Estado*. Florianópolis 3ªfeira, 25 de fevereiro de 1964. nº14.874.p.08

[4] *O Estado*, Florianópolis 6ªfeira, 24 de julho de 1966. nº15.34. p.08

os lavradores do Núcleo Celso Ramos, em Curitibanos. Criada no Japão e aperfeiçoada nos EUA pelo senhor Fumio Honda, a fruta foi trazida primeiramente para a Cooperativa Agrícola Cotia, de São Paulo, em 1958. Porém, devido ao clima, seu desenvolvimento não teve sucesso. A fruta, propícia ao clima temperado, encontraria seu lugar em Santa Catarina. Só a colônia de Curitibanos destinava 1200 hectares para o plantio da fruta.

É perceptível, no decorrer dos anos, nas notícias analisadas, a mudança na própria forma de escrita das notícias. Por volta do início da década de 70, os textos jornalísticos dos periódicos analisados perdem um pouco de sua característica dura e exclusivamente informativa, apresentando elementos de escrita literária e tornando seu texto mais, podemos dizer, "simples", talvez na tentativa de envolver o leitor. Como exemplo, o trecho abaixo:

> Embora um pé de nectarina somente 4 anos depois de plantar produza frutos, cada hectare cultivado rende cerca de 80 mil cruzeiros, e isso é tentador, justificando o fato de uma das 35 famílias japonesas haver contraído empréstimo bancários de 65 mil cruzeiros e havê-lo pago integralmente com o resultado da colheita deste ano. E olhem que lhes ficou ainda saldo apreciável![5]

A partir de 1972 inicia-se o processo para instalação da segunda colônia japonesa, desta vez às margens da BR-101, próximo à Itajaí. O núcleo seria o primeiro voltado para o plantio de hortaliças. Outros municípios também se dirigiram à secretaria da Agricultura, pedindo que colônias de japoneses fossem instaladas em suas terras, mas o processo costumava ser estudado e planificado, levando um tempo para ser finalizado e muitas cidades não eram aprovadas pelos conselhos do IRASC e da JAMIC. Quase ao mesmo tempo, também em 1972, era fundada outra colônia de fruticultura em Caçador.

[5] *O Estado*, Florianópolis 5ª feira, 13 de janeiro de 1972. nº18.802. p.04

Outro marco importante, e que demonstra o sucesso dos colonos japoneses que os jornais estão a bradar é a Festa da Nectarina, que aconteceu após dez anos da fundação da primeira colônia japonesa em SC, realizada em Curitibanos.

E é só em 1975 que a primeira notícia, das que foram levantadas, aparece criticando o governo no que se refere ao apoio aos colonos *nikkeis*. O governador na época era Antônio Carlos Konder Reis. Um dos artifícios jornalísticos para embasar suas críticas era usar entrevistas feitas com os próprios *nikkeis*, para demonstrar as dificuldades enfrentadas:

> Acreditando conseguir encontrar colocação para quinhentas caixas de tomates por dia, Masaru, inicialmente, plantou 5 mil pés, que não tiveram mercado consumidor. O mesmo acontecendo com outras plantações.
> Concluiu então, que terá que diminuir em cinco vezes o plantio de cada espécie agrícola, "pois das quinhentas caixas que pretendia vender diariamente, o máximo que conseguiu foi apenas vinte e cinco, nos mercados de Florianópolis e Porto Alegre, mas os gastos com transporte nos acarretaram prejuízos. Mesmo em terras arrendadas em Livramento, consegui comprar uma Kombi e guardar algum dinheiro. Dos treze mil cruzeiros que trouxe, com os gastos no preparo da terra, só me restam mil. Catarinense não sabe comer, não come verduras, só carne".[6]

Novas colônias são formadas, posteriormente, em Chapecó e Criciúma. Blumenau, Lages e Porto União apresentam interesse em instalar colônias *nikkeis*, mas não levam o projeto até o final.

Ao analisarmos todas as notícias de um modo geral, podemos perceber o caráter epopeico em que a imigração dos *nikkeis* é representada. Até mesmo os agricultores brasileiros que convivem com estes *nikkeis* são considerados gente de sorte, pois aprendem com os nipônicos uma arte agrícola que data de muitos séculos atrás. Colocarei um trecho chave de uma notícia logo abaixo, e a mesma de onde foi retirado este trecho na integra em anexo, pois julgo ser esta a notícia mais interessante das levantadas para a pesquisa:

[6] *O Estado*. Florianópolis 4ºfeira, 02 de julho de 1975. nº18.062. p.09

> "Conta à história que, um dia, perguntaram a um agricultor porque os tomates da lavoura vizinha eram maiores e mais viçosos que os seus: "*É porque quem planta eles é um japonês*", disse o agricultor, querendo demonstrar com isto que a técnica agrícola dos colonos nipônicos era, além de superior à sua, inigualável. Mas não é isto o que acontece na Agrovila Rio Novo, situada no município de Itajaí, onde brasileiros e japoneses trabalham lado a lado, em igualdade de condições e, principalmente de produção".[7]

Essa tendência a apresentar o japonês como algo extraordinário é ainda hoje perpetrada. O *nikkei* não é reconhecido como genuinamente brasileiro. E nessa época, o colono *nikkei* era visto como aquele que ensinaria o agricultor brasileiro tudo o que ele ainda não sabia. Muitas vezes, ele deveria ensinar o próprio brasileiro a ser um bom brasileiro (MARTINELLO, 2011). Em alguns casos, esse mito do super japonês era desmentido pelos próprios *nikkeis*:

> Fumio Sakurage é contra as opiniões de que o brasileiro é malandro para a agricultura. "*O que falta é orientação e aprendizagem. Quem nunca aprendeu a dar valor a dinheiro nunca fica rico*".
> Fumio Sakurage exemplifica sua tese de que a ausência de orientação é a principal causa, revelando que "*nossos vizinhos (brasileiros e poloneses) sempre nos pedem sugestões sobre como proceder no sentido de obter melhores resultados. Se perguntam é porque não sabem. Logo, é sinal de que está faltando orientação*".[8]

Esse mito criado pelos próprios periódicos e alimentado pela população em geral, não só em Santa Catarina, faz com que os leitores dos jornais aceitem a chegada dos *nikkeis* com expectativas positivas, enquanto que agricultores brasileiros vindos de outros lugares, são vistos como invasores, ou no mínimo, importunadores, como no caso dos gaúchos:

---

[7] *O Estado*. Florianópolis 2ª feira, 05 de novembro de 1973. nº17.382. p.03

[8] *O Estado.* Florianópolis 4ª feira, 06 de maio de 1976. nº18.368. p.01

> GAÚCHOS
> Segundo explicou o Sr. Hélio Mário Guerreiro, não procedem as notícias de que está havendo uma grande demanda de colonos gaúchos para se fixarem no Estado.
> - O que está havendo atualmente é que os colonos gaúchos simplesmente estão passando pelo Estado à procura de novas terras nos Estados de Mato Grosso e Goiás principalmente. Não existe a possibilidade de colonos de outros Estados se radicarem em Santa Catarina, em primeiro lugar porque aqui não existe terra suficiente para isso e, em segundo, principalmente, desestimula a imigração de colonos de outros estados para cá, concluiu o Sr.Hélio Guerreiro".[9]

No exemplo acima, vemos claramente quais os interesses do estado. Não havia terras para os colonos gaúchos, mas havia para os japoneses, "estudados e profissionais", supostamente detentores dessa habilidade milenar. Nota-se, além do preconceito positivado com os japoneses, um preconceito negativo com o homem do campo brasileiro. Nem só o Jeca Tatu mineiro e paulista carregavam a imagem de malandros e ignorantes. Em geral, camponeses de todo o Brasil eram vistos como pessoas atrasadas, que não chegariam a lugar algum sozinhas.

Conclusão

Como sempre na história brasileira, e quiçá, na história mundial, a imprensa tende a se alinhar com o grupo político que está no poder, excetuando-se os jornais de caráter mais independente. Principalmente na época retratada, durante o governo ditatorial, a imprensa apresentava, mais do que o comum, os louros e frutos gerados pela gestão governamental. Isso é claro no jornal consultado, que é de circulação ampla. É interessante notar que apenas em 1975 apareça uma notícia denunciando os problemas que os imigrantes *nikkeis* enfrentavam, pois durante uma década esta experiência havia sido alvo apenas de elogios. Interessante também seria um aprofundamento nos bastidores dos jornais consultados para relacioná-los, também de maneira mais aprofundada, com o quadro político de cada época. Se Ramos, Silveira e Salles só

[9] *O Estado*. Florianópolis domingo, 04 de agosto de 1974. nº17.745. p.16

receberam louvores, porque apenas Konder Reis enfrentou problemas? Muito provavelmente, estes problemas também existiam nos governos anteriores. É algo a se analisar, mas em outro momento.

Fontes

MARTINELLO, A.S.. *Formação de colônias japonesas em Santa Catarina:* notícias e abordagens de jornais nas décadas de 1960 e 1970. Florianópolis, [s.n.], 98 p. 1 CD. (Coletânea de artigos de jornais). 2008.

Referências

HENSHALL, Kenneth. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2008.

MARTINELLO, André Souza; CARVALHO, Ely Bergo de. Colonização japonesa em Santa Catarina: metamorfoses na imigração tutelada. *In: Revista História Unisinos* Vol. 15 Nº 3 – setembro/dezembro de 2011 pp.453-465, São Leopoldo (RS).

ROCHA, Joao Cezar de Castro (org.). *Roger Chartier: A força das representações* – História e Ficção. Chapecó: Argos, 2011.

SAKURAI, C. 2000. Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941). *In:* B. FAUSTO (org.). *Fazer a América*. 2ª ed., São Paulo, Edusp, p. 201-238.

ZIERER, Otto. *Pequena história das grandes nações:* Japão. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

Anexo

O Estado. Florianópolis 2ªfeira, 05 de novembro de 1973. nº17.382. p.03

"EM RIO NOVO, A TERRA É BOA"
Reportagem de Raimundo Caruso e Fotos de Paulo Dutra

"Conta à história que, um dia, perguntaram a um agricultor porque os tomates da lavoura vizinha eram maiores e mais viçosos que os seus: "*É porque quem planta eles é um japonês*", disse o agricultor, querendo demonstrar com isto que a técnica agrícola dos colonos nipônicos era, além de superior à sua, inigualável. Mas não é isto o que acontece na Agrovila Rio Novo, situada no município de Itajaí, onde brasileiros e japoneses trabalham lado a lado, em igualdade de condições e, principalmente de produção".

"Primeiro, Hajime afasta uma cadeira do centro da sala, para abrir espaço. Em seguida, o agricultor dá dois passos de uma estranha dança parta frente e, numa fração de segundos, ergue a espada de Samurai e desfere um golpe rapidíssimo contra um adversário fictício. Depois, dá uma risada e guarda o instrumento usado pela filha Suzue em peças teatrais no Rio Grande do Sul e bebe uma xícara de chá verde, sem açúcar.

E a menos de cinqüenta metros, participante também da agrovila Rio Novo, em Itajaí, Osvaldo Luna, natural de Brusque, termina de escutar a música "Índia", cantada por Gal Costa. Desliga o radinho de pilha e dirige-se para o campo de seis hectares, vendidas pela Prefeitura de Itajaí. No campo o brasileiro já encontra o japonês FumioSakuragi manejando um micro-trator, separados apenas por estreitos canais de irrigação, colhem morangos, aram a terra e encaixotam grandes quantidades de cenoura para vender no dia seguinte na feira de Itajaí. Instalada em agosto de 1972, a reunindo tipos humanos completamente diversos em técnica e cultura, a

agrovila Rio Novo está destinada a abastecer a curto prazo de produtos hortigranjeiros as cidades de Itajaí, Blumenau e Joinville".

"A área está localizada junto ao rio Itajaí-Mirim e a BR-101 e primitivamente coberta de florestas, foi desmatada pela municipalidade de Itajaí.

Para cada agricultor foi destinada uma área de seis hectares e uma casa, a preço de 25 mil cruzeiros financiados em dez anos, com dois de carência. A compra do local foi efetuada pelo ex-prefeito Júlio César através do Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina, as facilidades oferecidas pela Prefeitura de Itajaí são reconhecidamente excelentes ao mesmo tempo que, numa experiência singular, não isola um derterminado grupo étnico, mas sim relaciona-o profundamente com a organização social pré-existente.

Inicialmente, os agricultores estranham a proximidade com pessoas cujo idioma não compreendiam e possuidores de técnica agrícola apregoada como misteriosa. Porém, segundo contou Osvaldo Luna, os instrumentos de trabalho eram íntimos dos dois grupos, e sua presença foi o primeiro elemento de contato.

Depois de 14 meses de convívio diário, os agricultores tornaram-se os companheiros que se saúdam todas as manhãs nos seus idiomas respectivos. FumioSakuragi veste uma calça de brim Topeça e um chapéu de palha e Osvaldo Luna, apesar de achar o japonês uma língua "muito difícil" chama todos os imigrantes pelos seus nomes completos.

Mas a principal descoberta dos brasileiros foi saber que para colher tomates, cenouras e morangos sadios não existe nenhum segredo e nenhum vestígio de mistério. E Osvaldo diz a receita: "*Tudo depende de trabalho e técnica adequada*". E hoje, apenas pouco mais de um ano de que foram instaladas na agrovila e com metade da terra ainda por desmatar, o grupo de agricultores já produz uma "*valiosa quantidade de legumes*" segundo disse o presidente do IRASC ao ponto de HajimeKatsurayama ter podido comprar e pagar integralmente um veículo para transportar seus produtos à feira de Itajaí, o que, para "um recém-chegado, não é pouco".

P.04) "NOVA DISCIPLINA".

"Se, para os brasileiros, os japoneses tinham hipoteticamente uma vantagem, o do conhecimento milenar da técnica agrícola, por outro lado os orientais declararam que a vantagem no princípio esteve ao lado dos nacionais para melhor que eles, conheciam o produto mais solicitado pelo mercado ao mesmo tempo em que sabiam de antemão as variações do clima que espécies plantar em determinadas épocas.

Porém, como declarou Fumio, agricultor de 39 anos, "*hoje estamos empatados e ninguém pode diferenciar um produto cultivado por um grupo e por outro*"".

"A Agrovila Rio Novo, localizada a menos de dez quilômetros de Itajaí, corresponde à idéia moderna de estabelecimento dos "*cinturões verdes*" em volta das cidades. Em Santa Catarina já foram criadas colônias semelhantes nas cidades de Caçador (dez famílias), Curitibanos (trinta e cinco famílias) sendo que o IRASC pretende formar uma quarta nas proximidades de Criciúma. A experiência sempre será feita a partir da reunião de agricultores nacionais e japoneses, porque segundo disse Hélio Guerreiro, servirá para habituar outros camponeses brasileiros não só com técnica mas também com a disciplina de trabalho praticada pelos imigrantes e pelos agricultores elite selecionados pela ACARESC.

"CHÁ E FEIJÃO"

Incluindo os sábado e domingos, o dia de trabalho dos agricultores da Agrovila Rio Novo inicia-se às 5h30 minutos. Das cinco famílias já instaladas, é a de Osvaldo Luna quem desperta primeiro. Ele é dono de duas vacas e o fornecedor de leite de todo o grupo. Os japoneses acreditam que o leite vendido por Osvaldo é superior ao da Usina e numa pequena concessão aos hábitos de vida brasileiros bebem café com leite pela manhã. As culturas estão distribuídas entre plantações de cenouras, beterraba, alface, cenoura, pimentão e morango.

O terreno é sempre adubado e depois revolvido com microtratores. A área é cuidadosamente regada por canais de irrigação feitos pela Prefeitura de Itajaí que cortam integralmente o terreno de todos os agricultores. Para os japoneses, a terra é fértil: o único inconveniente é o calor. No Japão, o clima é claramente definido em períodos frios e quentes e

para FumioSakuragi, natural da Ilha de Shikoku, no sul do arquipélago nipônico e de clima temperado, o calor compromete bastante a disposição para o trabalho".

Nos primeiros meses de 1974, quando o governador Colombo Salles e o prefeito de Itajaí Frederico Olindio de Sousa inauguraram a agrovila, o grupo de agricultores, primeira experiência deste tipo no Vale do Itajaí, estará vestida, uma parte com quimonos compridos e coloridos, e a outra com terno e gravata e botinas pretas engraxadas".

"Para quem já se encontra fora de seu País natal há mais de 14 anos, a saudade é uma sensação que só ocorre quando anoitece ou nas pausas depois das refeições. Nestes momentos Hajime liga um toca-disco e coloca sua música preferida, a Iwaibuchi. Esta canção representa a felicidade e é cantada sempre que nasce um filho, um neto ou então é realizado um casamento. Nestes momentos Hajime recorda que quando era criança praticava sumo, uma espécie de luta parecida com o judô, só que praticada sem quimono. Nesta época, gostava mais desse esporte "que das próprias refeições". Depois do período da segunda guerra, quando lutou como soldado de infantaria no norte do Japão. Porém os tempos passaram, ainda hoje Hajime pensa em rever sua pátria".

O Estado. Florianópolis 2ªfeira, 05 de novembro de 1973. nº17.382. p.03

Recebido em 16 de junho de 2013.

Aceito para publicação em 04 de julho de 2013.